

DISFUNCIONAL

Nas fotografias de Helder Sousa percebe-se um tempo suspenso. Se fossem verdadeiras ruínas, talvez a poética da morte e da sobrevivência transformasse a perda em relatos encenados portadoras de uma história sobre assuntos extraordinários e intemporais da condição humana.

Não é assim. A realidade está demasiado presente. Está presente a banalidade do assunto; está presente a decadência que se sente. Afinal são casas banais, prédios banais deixados à sua sorte num país onde, ao mesmo tempo, sobram e faltam casas.

No lugar certo das utopias – a do Estado Social que prometia a regulação do capitalismo e a habitação para todos; a do capitalismo liberal que tudo resolve com a transparência que o mercado nunca teve - instalou-se a flutuabilidade e a incerteza acerca dos tempos que correm. São os “mercados”, dizem, apontando infinitos gráficos e índices de cotações e negócios em bolsa; é a crise do *subprime*, expressão de uma pseudo-ciência chamada economia que usa o inglês como antes a escolástica usava o latim para dar a perceber ao cidadão comum quão inacessível e encriptado era o conhecimento.

Não é. A desregulação e a globalização dos mercados financeiros e dos outros instalou a selva na aldeia global onde cresce o mato e cada um está entregue a si próprio; o “mercado” substituiu o lugar da política por mecanismos que supostamente se auto-regulam por mãos (in)visíveis que tudo financiam incluindo o desastre.

Nas fotografias de Helder Sousa percebe-se uma tensão entre o silêncio que se abateu sobre a impotência ou a indiferença que se sente, e o enorme ruído, a injustiça sobre o que se esconde por trás de tanto desperdício, disfuncionalidade ou excesso.

Sem função, como dizem da arte, mas arte fotográfica tão eloquente na forma como dá a ver o banal tornado visível, como denuncia as múltiplas formas da contradição, do inacabado, da obsolescência sem uso, da predisposição da sociedade em inventar meios precisos de racionalizar a construção de ruínas.

Álvaro Domingues